

## A PARTEIRA E SEU ÁLBUM DE BEBÊS: FOTOGRAFIAS E RELAÇÕES DE RECIPROCIDADE (1982-2009)

EDUARDA BORGES DA SILVA<sup>1</sup>; LORENA ALMEIDA GILL<sup>2</sup>

<sup>1</sup>UFPEL – [eduarda.historia.ufpel@gmail.com](mailto:eduarda.historia.ufpel@gmail.com)

<sup>2</sup>UFPEL – [lorenaalmeidagill@gmail.com](mailto:lorenaalmeidagill@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

Maria Basilícia Soares é uma parteira de 67 anos que atuou entre 1982 e 2009 no Hospital Nossa Senhora da Conceição de Piratini-RS. Foi localizada pela primeira vez em 2013, quando a pesquisadora construiu com ela uma entrevista de história oral temática (MEIHY; HOLANDA, 2007). Nesta ocasião, Basilícia mostrou um álbum fotográfico, no qual guardava fotos dos recém-nascidos que atendeu. O contato com a narradora foi mantido e em 2015, já durante a pesquisa de mestrado para a confecção de um artigo, se decidiu analisar também seu álbum.

Ao longo de sua trajetória profissional Basilícia recebeu de muitas parturientes fotografias dos bebês, retratados nos primeiros dias de vida ou em forma de convites para o aniversário de primeiro ano. Com algumas mães este elo permaneceu por mais alguns anos e a parteira ganhou convites para outros aniversários e, em menor proporção, para festas de quinze anos, formaturas e casamentos daqueles que estiveram em suas mãos.

O “álbum de bebês” está sendo deste modo referenciado, pois é a forma que a parteira o denominou. Consiste em um arquivo pessoal (HEYMANN, 1997), que possui uma lógica particular para guarda e apresentação, estabelecida pela sua titular. É um álbum fotográfico, portanto, uma fonte visual em série (RENDEIRO, 2010), contudo, não se pretende fazer análise de imagens. O intuito deste texto é compreender o significado da oferta das fotografias por parte das parturientes e o motivo da criação do álbum por Basilícia, utilizando o conceito de reciprocidade (SABOURIN, 2011). A discussão proposta se insere no campo historiográfico, a partir da pesquisa de mestrado em História: “Partejar e narrar: O ofício de parteira ao sul do Rio Grande do Sul (1960-1990)”.

### 2. METODOLOGIA

A história oral temática (MEIHY; HOLANDA, 2007) é uma metodologia de entrevista, que tem por objetivo promover um diálogo em torno do tema de pesquisa. Utiliza roteiros de questionamentos flexíveis, gravadores de som e/ou de imagem e caderno de campo. É composta pelas etapas: elaboração do projeto, levantamento dos possíveis entrevistados, primeiro contato, entrevista, transcrição, cessão de direitos de uso, duplicação e salvaguarda do material, publicização e retorno social.

O álbum de bebês organizado por Basilícia está disposto em quatro séries assim observadas: Fotos com a parteira e bebês em seu colo; fotos recebidas dos bebês deitados na cama; fotos do primeiro banho com a parteira na sala de parto e em casa; lembrancinhas e convites.

A fotografia, nesse contexto, pode ser percebida como índice ou vestígio do passado, na qual os objetos ou pessoas retratadas informam sobre o vivido (MAUAD, 1996). Mas mais do que informar sobre o passado, as fotografias podem assumir significados para além da sua unidade, informando sobre o leitor e o titular.

Ainda, de acordo com MENESES (2003, p. 28) os documentos são os instrumentos da pesquisa e o objeto será “sempre a sociedade. Por isso, não há como dispensar aqui, também, a formulação de problemas históricos, para serem encaminhados e resolvidos por intermédio de fontes visuais [...]”.

No encontro, Basilícia recebeu a pesquisadora com um pequeno álbum de aproximadamente 50 fotos. Notavelmente ela havia feito uma seleção, pois o álbum visto em 2013 era maior e com mais fotos, incluindo convites. Quando perguntada sobre esta diferença, respondeu que não sabia onde estavam as demais e que encontrou apenas estas e as reorganizou compondo este álbum.

Foi folheando e explicando quem eram os bebês, no que trabalhavam ou estudavam (indicando que manteve contato), os nomes das mães e de alguns ela se lembrou até da posição do nascimento. Como já havia uma entrevista gravada sobre seu ofício, nesta conversa sobre o álbum, o recurso utilizado foi o caderno de campo, com algumas perguntas: “Quem lhe dava as fotos? Por que as ganhava? Por qual motivo as guardou e construiu o álbum? Por que os bebês mesmo depois de adultos lhe procuram? As famílias atendidas sabem da existência do álbum?”, entre outras questões.

Durante o diálogo ela demonstrou zelo com o álbum, mantendo-o em suas mãos, mesmo quando ia mostrar algo e, ao final, o guardou na estante da sala de visitas. RENDEIRO (2010, p. 8) salientou a importância da confiança que o titular do arquivo pessoal deve ter com o pesquisador. “O acesso aos acervos nem sempre é fácil, mas é franqueado através da confiança no pesquisador e do desejo de ‘eternidade’ do retratado.”

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na pesquisa de Mestrado se analisa como fonte três manuais sobre parto e doze entrevistas de história oral temática, transcritas e cedidas, sendo dez com parteiras (incluindo a de Basilícia), uma com um médico, que também foi coordenador da vigilância sanitária e outra com uma auxiliar de enfermagem.

Basilícia fez o treinamento com um médico e outra parteira que atuavam no Hospital Nossa Senhora da Conceição da mesma cidade, em 1982. Contou que no treinamento só se aprendiam técnicas da prática, que não havia teoria, nem diploma. Ao fim do treino foi contratada por esse hospital, único de Piratini.

Em todos os encontros ela comentou sobre seus saberes com relação ao corpo feminino e de técnicas do parto. Enfatizou o carinho com as parturientes e recém-nascidos e o orgulho de seu ofício. É a única dentre as dez parteiras entrevistadas que guardou e organizou um álbum com fotos dos bebês atendidos por ela.

A maioria das fotos foi feita pelas mães dos recém-nascidos, sendo duas delas fotógrafas profissionais. A parteira mencionou que, às vezes, as mães lhe pediam uma foto com seus filhos para recordar e mostrá-la quando eles estivessem maiores. Entretanto, afirmou que geralmente as parturientes perguntavam como poderiam agradecer pelo atendimento e ela dizia que gostaria de ter uma foto do bebê. Desse modo, passou a receber fotografias que lhe eram entregues ou deixadas para ela no hospital e enviadas pelo correio para sua casa, quando a parturiente era de outra cidade.

A reciprocidade é uma norma moral essencial a manutenção de estruturas sociais. Ela compõe um ciclo ou uma “tríplice obrigação – dar, receber e retribuir”

(SABOURIN, 2011, p. 26). As estruturas de reciprocidade podem gerar valores afetivos como a amizade e éticos como a confiança.

Difere da troca capitalista, pois a reciprocidade positiva atua comumente através da cooperação. Dar é a primeira etapa da reciprocidade e indica prestígio social. Todavia, saber receber é importante, tanto quanto dar. Não se recebe somente um presente, mas a possibilidade daquele que antes fora ajudado em recuperar sua reputação que estava em débito. E quem retribui sente-se agradecido duas vezes, pela ajuda ou presente recebido e por poder retorná-lo. Embora a reciprocidade não defina que o retorno deva ser equivalente ou imediato, há uma espera da retribuição (SABOURIN, 2011).

Embora Basilícia seja assalariada, recebendo pelos atendimentos que fez, a relação de cuidado implica muitos valores que vão além da simples troca monetária. SABOURIN (2008) alertou que a reciprocidade não só é geradora de valores, mas supõe preocupar-se com o outro. CAILLÉ (2014, p. 52) abordou a *care* (o cuidado) apontando que esta não é uma obrigação alienante de compaixão, mas também não pode ser compreendida como um trabalho estritamente racional, “a menos que se defenda uma desumanização radical, por exemplo, da medicina e do hospital”. Em boa medida “é a dimensão da empatia que cuida [...] então querer reduzir o trabalho de *care* a um simples trabalho como os outros é, com certeza, fazer dele um trabalho particularmente ineficaz!”

A parteira contou que muitos dos bebês que ajudou a nascer tornaram-se seus afilhados, o que pode ser comprovado pelas dedicatórias que recebeu no verso das fotografias. Estes e os recém-nascidos filhos de suas vizinhas recebiam um trato especial. Basilícia saía de seu plantão no hospital e os visitava em casa para dar o banho até cair o coto do cordão umbilical, por cerca de sete dias.

O apadrinhamento ou “amadrinhamento” geralmente implica uma relação de reciprocidade entre duas famílias. Os pais da criança evitam convidar padrinhos que moram longe, para que possam se visitar ou ser chamados para uma emergência com facilidade. “É uma forma de reafirmar uma relação de amizade, ou de consolidar uma relação de vizinhança” (WOORTMANN, 1995, p. 203). Essa relação é vista “[...] como uma obrigação, como o pagamento de uma dívida [...]. Trata-se, pois, de reciprocidade, de efetivar uma troca e, com ela, de realimentar a aliança [...]” (WOORTMANN, 1995, p. 213-214).

Com relação aos arquivos pessoais, eles promovem uma ilusão biográfica (BOURDIEU, 2006) no sentido em que selecionam, organizam e dão coerência a fragmentos da experiência vivida. “É a pessoa, a partir de seus critérios e interesses, que funciona como eixo de sentido no processo de constituição do arquivo. [...] cabe a ela determinar o que deve ser guardado e de que maneira.” (HEYMANN, 1997, p. 42-43). Ainda, segundo RENDEIRO (2010, p. 8) “[...] atesta o desejo de reconhecimento posterior [...]”.

Porém, mais do que preocupar-se com sua imagem ou com a legitimidade do seu ofício, a construção do álbum foi justificada por Basilícia como uma forma de carinho com aqueles que lhe deram as fotos. Considerou que para as mães e assim se incluiu, não há relíquia maior que uma foto de seu bebê, a não ser o próprio.

#### 4. CONCLUSÕES

Basilícia poderia somente atender os partos, função pela qual era paga financeiramente. Todavia, considerava parte fundamental de seu trabalho atender com carinho, posando em fotos com os bebês quando convidada e mantendo laços

com as parturientes, para além daquele momento do parto. Apesar de afirmar que poucos sabem da existência de seu álbum, ele pode ser percebido como um ato de retribuição, a terceira etapa da reciprocidade. Primeiramente doou sua atenção e carinho no atendimento ao parto, recebeu confiança, reconhecimento e fotografias, e depois retribuiu construindo o álbum.

Tanto reconhecimento e carinho, mesmo após alguns anos de aposentada, foram expressos em suas palavras durante a entrevista:

[...] eles me consideram uma pessoa querida, as minhas pacientes, o povo que eu atendi, eu tenho o reconhecimento deles! Porque eu saio na rua, nem sei quem é, vem me abraça: 'olha o teu filho, o filho que tu ajudou a nascer'. Eu fiz parte do parto, mas é como se eu fizesse parte daquela vida ali. Fotografia eu tenho aí, quantia de fotografia dos meus bebês (MARIA BASILÍCIA, 2013).

Em suma, seu álbum constitui uma forma de cuidado para com as pessoas que reciprocou, afinal, ela não guarda só fotos, "guarda" afetos de mulheres que se tornaram mães, de pessoas que foram pela primeira vez retratadas e lembranças de seu ofício.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M.; AMADO, J. **Usos e abusos da história oral**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2006. p. 183-191.
- CAILLÉ, A. Dádiva, *care* e saúde. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 16, nº 36, p. 42-59, 2014.
- HEYMANN, L. Indivíduo, memória e resíduo histórico: Uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Müller. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, CPDOC-FGV, v. 10, nº 19, p. 41-66, 1997.
- MAUAD, A. M. Através da imagem: Fotografia e História interfaces. **Tempo**. Rio de Janeiro, v. 1, nº 2, p. 73-98, 1996.
- MEIHY, J. C.; HOLANDA, F. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto: 2007. 175 p.
- MENESES, U. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 23, nº 45, p. 11-36, 2003.
- RENDEIRO, M. Álbuns de família: Fotografia e Memória; Identidade e Representação. **XIV Encontro Regional da Anpuh-Rio, Memória e Patrimônio**. Rio de Janeiro, 2010. p. 1-10.
- SABOURIN, E. Marcel Mauss: Da dádiva à questão da reciprocidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. V. 23, nº 66, p. 131-138, 2008.
- SABOURIN, E. Teoria da reciprocidade e sócio-anthropologia do desenvolvimento. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 13, n. 27, p. 24-51, 2011.
- WOORTMANN, E. Padrinhos e nomes. In: WOORTMANN, E. **Herdeiros, parentes e compadres: colonos do Sul e sitiantes do Nordeste**. Brasília: UnB, 1995. p. 201-214.

